

EVOLUÇÃO DOS SUPORTES DA ESCRITA: ESPAÇO PARA DISSEMINAR O SABER ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

EVOLUTION OF WRITING SUPPORTERS: SPACE TO DISSEMINATE KNOWLEDGE BETWEEN PAST AND THE PRESENT

Maria Vitória Alves Rodrigues¹

RESUMO:

O presente artigo apresenta e analisa uma trajetória sobre o desenvolvimento da escrita e da linguagem na Antiguidade, indicando sua evolução e tecendo uma analogia com a atualidade; o surgimento do papel e dos primeiros livros, seu processo evolutivo e seus diversos suportes, que superaram barreiras, apontando a escassez da obra prima e consequentemente as principais dificuldades para a fabricação deste, até a formação das bibliotecas. Navegando na história da escrita, chega-se às primeiras bibliotecas que surgiram e destacando também algumas delas, dando ênfase especial sobre a importância do papel do Bibliotecário em seu meio de atuação, seu perfil profissional e sua postura e competência perante aos desafios. Foram realizados estudos e pesquisas referentes ao assunto em questão, agregando valor e veracidade nessas entrelinhas.

PALAVRAS-CHAVE: Antiguidade; Biblioteca; Escrita; Leitura; Informação.

ABSTRACT:

This article presents and analyzes a trajectory on the development of writing and the language in ancient times, indicating its evolution and weaving an analogy with the present; the appearance of the paper and the first books, its evolutionary process and its many supports, that overcome obstacles, pointing out the shortages masterpiece and consequently the main difficulties for the manufacture of this, until the formation of libraries. Browsing the writing's history, it comes the first libraries that appeared and also highlighting some of them, giving special emphasis about the importance of the library's role on its means of action, its professional profile, its posture, and its competence on facing the challenges. Studies were performed and researchs on the topic in question, adding value and truth on its stars.

KEYWORDS: Ancient Time; Library; Write; Read; Information.

01 – INTRODUÇÃO

As pessoas nos primórdios da humanidade, antes de lerem e escreverem, sentiam uma grande necessidade de se comunicar, de registrar suas ideias, seus pensamentos e suas experiências. Isto era feito em duas maneiras: através de símbolos e/ou desenhos e na forma oral.

¹ Especialista em Gestão Escolar, Psicopedagogia e Educação Inclusiva e licenciada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Caxias do Sul. Curso de Auxiliar de Biblioteca pela Universidade Federal de Viçosa. Docente e Auxiliar de Biblioteca do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9937704492193018>.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Nas sociedades antigas, apenas algumas pessoas tinham o privilégio do acesso à escrita e à leitura. Restringia-se apenas a uma pequena elite de escribas e burocratas, ou ainda através de subornos altíssimos que pais ricos pagavam, para que seus filhos pudessem aprender.

Citando um exemplo do antigo Egito:

Apenas 1% da população sabia escrever, e esse grupo era composto pelo Faraó, seus quadros administrativos, os líderes militares, talvez as esposas de alguns deles, e os sacerdotes. Enquanto isso o restante da população vivia no mais tenebroso e profundo analfabetismo. (LYONS, 2011, p. 2).

Hoje, a espécie humana continua na luta pela preservação do conhecimento e se encontra em constantes experimentos e formidáveis pesquisas, sempre enriquecendo e escrevendo sua história contribuindo cada vez mais com sua inteligência extraordinária.

O objetivo deste trabalho é salientar e mostrar um pouco sobre a importância de uma caminhada, onde uma cultura remota e grandes civilizações deixaram registradas suas experiências. Outras ainda que sobreviveram apenas na memória do povo, passando de geração em geração para serem partilhadas.

A escolha do tema se deu pela paixão em favor de uma história que retrata a origem da escrita, até chegar nesta tecnologia veloz que se encontra o mundo hoje, onde o acesso à informação se tornou fácil, e todos tem pressa para chegar... é considerável dizer que não foi simples e demorou milhares de anos para que se concretizasse esta conquista.

No início, o ser humano se servia de pouca matéria em todos os sentidos, e foi com dificuldades que passou por este imenso trajeto e um infinito percurso foi traçado para que tudo acontecesse. Muitas barreiras e fracassos foram superados, em várias direções através da linha do tempo.

02 – A ESCRITA E SUA EVOLUÇÃO

Foi assim que tudo começou: ninguém sabia ler, muito menos escrever. Quem sabe, nem falar sabiam. Mas isto não foi empecilho para que houvesse uma comunicação.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

À medida que os povos e os negócios iam aumentando, surgia também a necessidade de fazer anotações, pois guardar tudo na cabeça não era mais possível.

Mesmo com a inexistência do papel, sempre descobriam algum jeito para realizar seus registros, usando objetos para anotar o que precisassem no momento, através de um simples desenho que fosse, ou em algum material disponível por perto para lembrar depois.

Apresentando seu ponto de vista Hooker (1996, p. 21) afirma que: “Os textos muito antigos, eram desenhados na argila úmida, com uma ferramenta pontiaguda, representações pictóricas (às vezes chamadas pictografias)”.

O importante era passar a mensagem, e usavam de ideias mirabolantes. Sempre marcavam estas anotações nas cascas das árvores, nas folhas de bananeiras, palmeiras, argila, bambu, carapaças de tartaruga, na seda, madeira e posteriormente no papiro, e no pergaminho.

Era bem assim que acontecia: “Quando o homem desenhava um boi, queria dizer boi; quando desenhava um jarro, queria dizer jarro; e quando desenhava o sol, queria dizer sol. Era a escrita pictográfica”. (ROCHA, p. 3,1992).

Esses tipos de representações foram usados pelos homens primitivos por milhares de anos. Os estudiosos afirmam que são datados desta época, os primeiros vestígios escritos em paredes das cavernas e nas rochas.

Representações pictóricas de cervos e bisões foram descobertas nas cavernas de *Lascaux*, no sudoeste da França, datando de 15.000 a.C. (LYONS, 2011, p.2).

É importante salientar aqui sobre a inteligência do povo, que o acompanha desde sua remota existência, pois os desenhos foram encontrados nos fundos das cavernas, e não na entrada onde viviam. Por sinal eram lindas pinturas e em sua grande maioria coloridas, que chama atenção para as suas nuances. Uma criatividade que só um ser humano dotado de uma criação Divina, poderia fazer. Já era característico desde então possuir em sua essência existencial alma de artista.

No decorrer da história da humanidade, em um passado bastante longínquo dos tempos atuais, surgiu uma preocupação: com tantos registros pictográficos, ou seja, lindos desenhos fixados nas paredes das cavernas, quando

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

mudavam de lugar, não podiam levar o que estava ali realizado com tanto capricho e zelo. Era preciso uma mudança radical e urgente.

Surge então uma descoberta, um verdadeiro *insight* totalmente revolucionário para aquele tempo. Aparece algo extraordinário que marcaria para sempre a maneira de registro e que, sobretudo poderia ser guardada: a escrita.

Inventada no Oriente Próximo antigo, com o objetivo principal dos registros das atividades comerciais, cerca de 3400 a.C. Desde então haveria como repassar os conhecimentos adquiridos para as gerações futuras.

Muitas vezes era preciso realizar seus negócios e as contas, então faziam marcações em um pedaço de argila úmida, simbolizando a mercadoria e cada um levava seus sinais para casa, e os guardavam geralmente em um pote também feito de argila, o qual trazia do lado de fora as mesmas marcações de dentro.

Mesmo que estivessem longe do que havia sido vendido ou comprado, os sinais era a certeza que o contratato existia. Esta prática se espalhou por toda Mesopotâmia por muitos anos.

Com a evolução tempos as pessoas tomaram rumo de uma nova visão e ampliaram seus horizontes, o que as levaram a deixar os jarros e adotarem as tabuinhas de argila. Esta fase da história se deu no início do terceiro milênio antes de Cristo. O que comprova que a partir daquele tempo não se considerava mais os sinais e sim a escrita.

Marcavam um número, ou um desenho de algum animal ou alimento utilizado na negociação e ainda tinham mais facilidade para guardar, podendo-se assim dizer de uma forma compacta. Em pouco espaço era inserido várias informações.

Afirma Hooker (1996, p. 21):

Quando o homem começou a escrever pela primeira vez, ele o fez, não com pena e tinta sobre papel, mas riscando sinais na argila úmida com um bastão pontilhado ou com um pedaço de junco. As matérias primas eram encontradas com facilidade nos vales ribeirinhos do Oriente Próximo e seu preparo requeria pouco esforço. A argila pode ser moldada facilmente numa superfície plana e adequada à escrita enquanto está úmida; e, se for deixada ao sol depois de escrita, logo estará tão dura que suportará consideravelmente o manuseio e a intempérie.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Se não anotassem em algo concreto, não haveria depois a prova que firmasse o negócio ou a transação que teria sido feita. A prática de registrar de anotações escritas obteve seu início com esta finalidade.

Os primeiros sinais de escrita foram encontrados onde fica hoje o Iraque. Localizado na região sul daquele país, chamada de Uruk, aquela região guardava sítios arqueológicos que abrigava uma infinidade de relíquias antigas. O local era cercado por um imenso deserto, e incontáveis tábuas de argila também foram encontradas ali.

Alguns arqueólogos consideram Eridu como a primeira cidade do mundo. Mas foi em Uruk que a verdadeira civilização obteve seu início. “As duas não passavam de meros assentamentos por volta de 4000 a.C. Cerca de 500 anos mais tarde, no entanto, Uruk tomou a dianteira e se converteu num modelo de urbanização para toda a Mesopotâmia.” (SZKLARZ, 2009, p.1)

Existem estudiosos que afirmam que a primeira pictografia em forma de tabuinha de argila foi encontrada em Uruk, e que data em torno de 3.300 a. C.

O aparecimento da escrita pontua a história da humanidade em uma ênfase crucial, separando-a em duas fases históricas importantíssimas e distintas: a Pré-história na qual a comunicação se dava através de desenhos ou simples registros, e a História. Sendo assim:

A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. História da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira que será: depois da escrita. (HIGOUNET, 2003, p. 10).

Seguindo esta linha de pensamento, é notável a percepção que o avanço do conhecimento se encontrava em seu ápice. Um instrumento que divide a história da humanidade.

Vale lembrar que foram os Sumérios que criaram a primeira escrita chamada cuneiforme, sendo considerado o sistema de civilização mais antigo do mundo de escrita. Isto se deu por volta do ano 4.000 a.C., na região da Mesopotâmia. HIGOUNET (2003).

Eles eram os povos habitantes da Suméria, que deixaram registrada sua marca na história da Mesopotâmia. Região que vai de Bagdá ao Golfo Pérsico.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Terras banhadas pelos rios Tigre e Eufrates. Nesta região além da escrita Cuneiforme, foi onde apareceu também a roda.

E foi assim que começaram a escrever. Não com uma folha e um lápis, mas fazendo riscos em um barro úmido e alguma coisa firme para carimbar. Era o que mais tinha a seu redor, materiais simples que a natureza oferecia.

E foi no decorrer da história que: “A escrita, como sistema completamente codificado, só apareceu muito depois, por volta do início do 4º milênio a.C., nas burocracias urbanas centradas em templos, no atual sul do Iraque”. (LYONS, 2011, p. 16).

É inevitável pontuar que outras regiões também foram contempladas ao fazerem parte deste maravilhoso fenômeno. Mesmo com simples depoimentos, afirmavam com a palavra que para aquele tempo era uma total revolução do conhecimento.

É o que vem fundamentar Hooker (1996, p. 26):

Hoje, o quadro aparece um pouco diferente. Não só em Uruc mas também em Nínive, no Iraque, em Susa, Tchoga Misch e Godin Tepe, no Irã Ocidental, e em Tell Brak e Habuba Cabira, na Síria do norte, foram encontrados depoimentos dos primeiros estágios da escrita, sob a forma de tabuinhas inscritas apenas com números e, às vezes, também com impressões de sinetes; a maioria dessas tabuinhas pode ser datada do final do IV milênio a. C.

Além de escrever nos bloquinhos, eles os colocavam dentro de envelopes, confeccionados no mesmo material, e enviavam aos destinatários aos cuidados dos mensageiros, como correspondências confidenciais, ou simplesmente uma carta ou bilhete importante.

Esta idealização foi muito utilizada principalmente no período de Ur III. Referenciada como “civilizações antigas”, aparece na Bíblia no livro dos Gêneses, no capítulo 15 chamada de “Ur dos caldeus”. Para evitar a violação do envelope se fosse um grande negócio de compra ou venda, a argila tinha um preparo especial de modo a ninguém conseguir derretê-la para mudar seu conteúdo.

Com a descoberta de tantas inscrições em suportes diversificados, Oliveira (1984, p. 25) define esta fase de:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A ressurreição das lajotas mágicas – ao tempo em que aqueles devotados pioneiros dos estudos da escrita cuneiforme queimavam as pestanas no afã de decifrar o enigma dos seus sonhos, ainda continuavam soterrados os grandes depósitos de lajotas gravadas, que o futuro iria revelar. *(grifo do autor)*.

Mesmo depois de tantas guerras e destruições, e interpretação de sonhos que tanto acreditavam, em meio a tantas controvérsias foram encontrados milhares de bloquinhos de argila que retratou a vida de civilizações inexistentes, que compõe a construção da história de vida humana que um dia existiu.

03 – O LIVRO

A caminhada de descobertas não para, pelo contrário, se intensifica a dia e a cada tempo. Depois de um longo período de testes, os bloquinhos, os quais eram aproximadamente do tamanho de um cartão de crédito, foram dando lugar a alguns suportes que surgiram para a confecção dos livros.

Oliveira (1984, p. 28) caracteriza estes suportes afirmando que os povos antigos:

Valeram-se das paredes das cavernas, da pedra, do barro, do chumbo, do ouro, do bronze e escreveram livros minerais. Com o papiro, a madeira, o pano e o papel tivemos os livros vegetais. O couro, o pergaminho e até os intestinos de serpentes serviram de feitura de livros animais.

Além de trapos e vários tipos de matéria prima, eram usados o que podiam encontrar na natureza, conforme a necessidade e a disponibilidade de cada lugar. Dentre os que tiveram mais destaques e bastante usados foram: o barro, papiro e o pergaminho. Ambos tiveram trajetórias diferentes.

No entanto: “Os livros existem desde as épocas mais remotas; cresceram em número com a invenção da imprensa e continuarão a crescer em número até o século 21 e nos séculos futuros”. (SAMBAQUY, 1972, p. 62).

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

04 – O SURGIMENTO DO PAPEL

Com o passar dos tempos, a escrita precisou mudar, e o simples desenho de um boi passou a representar algo mais, podendo ser uma boiada por exemplo.

E com tantas mudanças e necessidades principalmente de algo para anotações e registros com maior eficácia. É aqui nesse ponto que uma descoberta preciosa aparece, algo que mudaria e revolucionaria a história da humanidade para sempre: o papel.

O papel surgiu na China, no ano de 105 d.C., seu criador foi Tisai Lun, a pedido do imperador que lhe trouxesse algo para escrever e que não fosse tão volumoso e sim fácil de manipular.

Depois de várias experiências e experimentos ele chegou ao cume de seus desafios. Através de uma pasta obtida de fibras vegetais de roupas velhas de linho, misturadas a cal e água. Esta pasta era colocada sobre peneiras para secar e o que sobrava era uma fina camada, o papel.

E assim durante muitos séculos, os chineses mantiveram sob segredo e poder, a fabricação do papel, até que em 751, os árabes roubaram o segredo dos chineses e o papel disseminou pela Europa e posteriormente pelo mundo, surgindo então o livro.

Hoje, depois de tantos mil anos de inventos e descobertas, vive-se a era digital, onde com apenas um *clic*, no computador tem-se acesso ao mundo, sendo possível entrar em uma biblioteca virtual e realizar várias atividades além ler um livro. Tudo isso sem sair do conforto da própria casa.

05 – AS BIBLIOTECAS NO CONTEXTO HISTÓRICO

Um extenso trajeto através dos tempos foi percorrido até chegar aqui, desde os bloquinhos de argila usados pelos Sumérios, ao acesso virtual onde basta se conectar a um terminal web e ter acesso a toda informação e notícias do mundo inteiro.

Durante um longo tempo de acordo com o tipo de biblioteca e o tipo de suporte que compunha o acervo, esses locais serviam não só para acumular livros,

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

mas eram muitas vezes usados para escondê-los, e não deixavam sair para empréstimo em hipótese alguma. De acordo com o autor Cunha, (1997):

A palavra biblioteca é originária do grego *bibliotheke*, que chegou até nós através da palavra em latim *bibliotheca*, derivada dos radicais gregos *biblio* e *teca* que, respectivamente, significam livro e coleção ou depósito. Enfim, etimologicamente, significa depósito de livros.

Hoje, a partir desse pressuposto é possível afirmar que essa simples definição vai muito além de um depósito de livros. Mas sim onde se encontram arquivados todo conhecimento necessário às pesquisas e buscas, não apenas livros e documentos impressos, mas todo meio digital e virtual através dos *e-books*, bases de dados, artigos e livros digitais, o que amplia ainda mais esse conceito, ficando disponível e acessível aos usuários.

Não dá para falar em bibliotecas da antiguidade sem citar a de Nínive. Esta cidade encontrava-se antes de sua destruição à margem do rio Tigre. Foi também a capital da Assíria, hoje o Iraque. Dentre várias obras de argila que faziam parte da biblioteca de Nínive na época do rei Assurbanipal, estava a Epopeia de Gilgamesh. Muitos historiadores referem a este texto de o mais antigo do mundo e o primeiro texto literário escrito por alguém.

Muitas bibliotecas importantes existiram na antiguidade, como a de Alexandria, por exemplo, que foi uma das maiores do mundo, e muitas pessoas trabalharam para preservar o conhecimento da humanidade, sobrevivendo a grandes ataques e fortes guerras, para possuir o grandioso tesouro precioso existente nos dias de hoje.

Seguindo o percurso que tange a história, aparece também a biblioteca de Pérgamo, também em Alexandria, construída no lugar da antiga. Posteriormente a de Liceu na Grécia antiga, as quais eram consideradas públicas e tantas outras.

No entanto o rei da Babilônia ao assumir o trono, mandou que fossem destruídas todas as bibliotecas. A cada cidade invadida a primeira vítima eram os acervos, ou seja, o primeiro alvo eram as bibliotecas, com o intuito de destruir a memória de um povo que havia sido derrotado. Infelizmente outros sucessores seguiram essa prática mesquinha e horrível.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Destacam-se ainda as de Roma, da Idade Média, as Monacais, as particulares, Bizantinas, as do Renascimento, as especializadas, universitárias e as escolares.

Nos tempos de hoje a função do bibliotecário não resume apenas dentro de uma biblioteca, junto somente ao acervo como era antes.

A biblioteca escolar, por exemplo, precisa de um profissional flexível, dinâmico, capacitado, e que saiba interagir com professores e com os alunos. Ser criativo com projetos que chame a atenção de toda a escola, envolvendo-os.

Assim afirma (BEZERRA, 2004, p. 4) ao discorrer sobre essa questão que:

O bibliotecário, por sua vez, conhecedor que é do acervo que compõe a biblioteca, poderá dar suporte ao professor ao “orientar” o aluno a desenvolver as ações e procedimentos para o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica escolar.

Esta inteiração com o âmbito escolar e o mercado de trabalho é que vai abrir o leque que o levará a buscar mais caminhos, nas escolhas de trabalhar em setores diferentes, ligados principalmente à informação. Essas atribuições são direcionadas não apenas ao bibliotecário escolar, mas a todos que trabalham na área. Passando este ser denominado o Profissional da Informação. Para refinar mais esse perfil é louvável aquele que busca, pesquisa, vai além, que não tem medo do novo, que está seguro em suas metas e peculiaridades, que desenvolva múltiplas habilidades recheadas de competências.

Um detalhe importante que deve ser levado em conta, tanto em bibliotecas escolares quanto em universitárias, é o estudo de usuários. Sempre é preciso saber qual e que tipo de público alvo será favorecido. Agora o presente reserva um grande desafio: a internet e as novas tecnologias.

Ligado neste contexto Valentim (1995, p.4) corrobora afirmando que:

Inicialmente pode-se perceber que as mudanças acontecem em intervalos maiores, no entanto, a partir do advento da informática as mudanças acontecem com maior velocidade. Essa velocidade tem afetado a sociedade de maneira geral, provocando diferentes reações, tanto positivas quanto negativas – modificando desde o comportamento social até o comportamento profissional –, atingindo a segurança, o controle, e as perspectivas dos indivíduos em geral.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

A evolução da tecnologia acontece de forma cada vez mais rápida. Consequentemente o acesso à informação também. As crianças desde cedo já sabem manusear computadores, tablets, celulares modernos e equipados que se os pais ou alguém deixar por aí, faltam pouco desmontá-los.

Além de saberem jogar até mesmo jogos de estratégias e que requerem raciocínio lógico. Ou seja, a moda agora é estar conectado, atualizado. O que deixa bem claro e exige que:

O profissional da informação precisa estar em sintonia com esta realidade e se readequar para enfrentar as mudanças cada vez maiores. “A grande mudança na área de biblioteconomia é a mudança do paradigma do acervo para o paradigma da informação” (VALENTIM, 1995, p.4).

A Biblioteconomia, no entanto, traz em sua essência rumos que atendem estas necessidades. Mostrar a atuação do profissional capacitando-o para escolhas certas e seguras. Segundo Müller (1996, p. 271), “o profissional que devemos ser é vivo e atuante. Como? Através do aprimoramento contínuo e afinado com a realidade”.

Mudanças estas que acompanham a evolução e o desenvolvimento da humanidade. Cabe ao próprio bibliotecário estar sempre se atualizando e aprimorando seus conhecimentos.

Para que estas mudanças aconteçam com sucesso seis pontos importantes precisam ser observados:

- 1 – Realidade
- 2 – Identidade
- 3 – Foco
- 4 – Processos
- 5 – Recursos
- 6 – Perspectivas

Ao se fazer uma analogia com o tempo passado, o atual e o futuro é nítida a mutação, que perpassa toda a indústria da informação.

Assim Valentin (2000, p.12) destaca sobre este respeito que:

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

Para atuar no terceiro milênio com qualidade o profissional deve ter as seguintes questões definidas: a) Remodelagem da unidade/sistema de informação, buscando uma interação profunda entre os atores deste cenário; b) Capacitação dos profissionais de informação, buscando o conhecimento necessário para atuar neste cenário; c) Vocação definida voltada para serviços informacionais, buscando o encantamento do cliente; d) Visualização da unidade/sistema de informação de forma crítica, buscando a melhoria cont nu a.

Percebe-se que o campo de atuação é amplo, mas o número de profissionais contratados ainda é pequeno, que trabalham nos centros de informação, ou em bibliotecas.

06 – BIBLIOTECONOMIA

 rea do conhecimento responsável pelo gerenciamento e organização de bibliotecas e outras unidades de informação, visando disponibilizar informações confiáveis aos seus usuários sob os mais diferentes suportes ou tecnologias.

A primeira turma de Biblioteconomia se formou nos Estados Unidos em 1887. Era um curso de apenas quatro meses, na *School of Library Economy*, dirigida por Melvil Dewey.

No Brasil o primeiro curso iniciou bem mais tarde, em 1915 no Rio de Janeiro, na Biblioteca Nacional. O primeiro bibliotecário concursado do Brasil se chamava Manoel Bastos Tigre. O dia 12 de março foi escolhido em ideia inicial, para comemorar o dia do bibliotecário justamente em sua homenagem.

Fonseca (2007, p. 01) define:

A palavra biblioteconomia é composta por três elementos gregos: *bibl on* (livro) + *th ke* (caixa) + *nomos* (regra) + mais o sufixo *ia*. As expressões correspondentes ao termo Biblioteconomia em outros idiomas são, conforme o Vocabularium bibliothecarii da Unesco, *biblioth conomie* na França; *library science* nos Estados Unidos da América; *librarianship* na Inglaterra; *Bibliothekswissenschaft*, *Bibliothekswesen* ou *Bibliotheksfach* na Alemanha; e *bibliotecolog a* na Espanha e em países hispano-americanos.

Diferente da Documentação e da Ciência da Informação, a Biblioteconomia é uma área do conhecimento que se responsabiliza por organizar e gerenciar n  s  bibliotecas, mas unidades de informação sendo estes em espaços propícios, como estantes, salas e edifícios. Todo este processo tem como objetivo

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

disponibilizar para os usuários informações confiáveis, que poderão usufruir de variados suportes e tecnologias.

Dentre vários objetivos da Biblioteconomia cabe elencar alguns como: a formação, informação e recreação através de todos os tipos de documentos, bem como a democratização da cultura em bibliotecas públicas, a preservação e difusão do patrimônio bibliográfico de cada nação.

Para conhecer um pouco sobre esta área tão rica e nobre do saber, não tem como não citar a obra de Shiyali Ramamrita Rangananthan.

Nascido em 9 de agosto de 1892, em Shialy, na Índia, publicou seu livro em 1931 intitulado “As Cinco Leis da Biblioteconomia”. Ele é chamado de o pai da Biblioteconomia, principalmente na Índia, e um dos mais renomados bibliotecários da história.

Por ser professor e pensador apaixonado pelos livros e pelas bibliotecas, contribuiu fortemente com suas ideias para que todos um dia pudessem valorizar este grandioso patrimônio que perpetua através dos tempos.

Eis as leis de Rangananthan (2009):

1ª Lei: Os livros são para serem usados – a função do livro é ser usado, não ficar guardado ou escondido, como aconteceu na antiguidade. Neste contexto é necessário que haja um bom acolhimento ao usuário, e que tenha um espaço apropriado para que ele se sinta à vontade para fazer suas pesquisas e suas leituras, contando com pessoas qualificadas para atendê-los de forma ideal.

2ª Lei: A cada leitor o seu livro – O livro destina-se a uma pessoa, a um leitor, independente de raça ou cor ou gênero. O livro certamente vai chegar nas mãos de alguém, que irá apreciá-lo conforme sua escolha.

3ª Lei: Para cada livro o seu leitor – Cada pessoa possui um gosto diferenciado para leitura. Isto deve ser respeitado pelo bibliotecário, pois aqui entra a questão do livre acesso. Rangananthan lembra também que as estantes não podem ser muito altas, não ultrapassando dois metros e meio. O que dificultava na antiguidade até para quem trabalhava nas bibliotecas onde as estantes possuíam até quinze metros de altura. Imagina se uma pessoa cai e machuca, grandes transtornos seriam inevitáveis.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

4ª: Poupe o tempo do leitor – Devido a falta de tempo das pessoas, o aluno chega com pressa e quer ser atendido logo. Estratégias devem ser adotadas pra agilizar este atendimento, de maneira profissional e eficiente.

5ª: A biblioteca é uma organização em crescimento – os livros não param de chegar e a tecnologia vem junto.

Claro que em 1931, Ranganathan não sabia da existência da internet, mas as cinco leis se aplicam perfeitamente nos dias de hoje.

07 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos tempos é notável a grande preocupação das mulheres e homens em preservar a memória da humanidade, cuidando dela com todo apreço, deixando-a em registro da melhor forma possível. Mesmo com tantas dificuldades no limiar de sua existência, principalmente nas civilizações mais remotas, não houve limites que impedissem totalmente suas invenções e a arte de ser simplesmente humano.

Diante de tantas nuances que tange a história da escrita e seus suportes, ainda há muito a ser mostrado e falado, pois se trata de um vasto campo e bastante diversificado. Considerando todo caminho percorrido, de um passado que já foi presente, as futuras gerações só têm a envaidecer de uma herança tão nobre, mesmo compondo uma era científica e tecnológica, onde grande parte do meio é e será a “plataforma digital”.

No entanto inseridas neste âmbito vale ressaltar sobre as bibliotecas, que sobreviveram a tantos ataques nas épocas das grandes guerras, e ainda hoje fazem parte de um processo constante de transformação, que serão para sempre centros do saber, sejam físicas ou não. O bibliotecário sempre esteve presente e sempre foi o responsável pela organização e disseminação do conhecimento, e às vezes ainda é confundido com um mero guardião ou guardador de livros, na verdade vai muito além dessa definição.

Assim olhares se entrelaçam para novos horizontes e expectativas, que obstáculos poderão ser superados. A história não se deu e não se conta da noite

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

para o dia. Ela foi construída através de milhares de anos. Embasada ao passado, marcando presença no mundo atual e conectada ao futuro.

08 – REFERÊNCIAS

BEZERRA, Maria Aparecida da Costa. *Pesquisa bibliográfica escolar: como recurso didático: um estudo com professores do Ensino Fundamental*. São Paulo, 2004. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/ojs/crb8digital> Acesso em: 26/06/2016.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. *As Cinco Leis da Biblioteconomia e o Exercício Profissional*. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bitl/mluiza/>>. Acesso em: 26/06/2016.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

HIGOUNET, Charles. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.

LYONS, Martyn. *Uma história viva*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2011.

HOOKE, J. T. (Org). *Lendo o Passado: a história da escrita antiga do Cuneiforme ao Alfabeto*. São Paulo: Melhoramentos, 1996.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Formação profissional e educação continuada – que profissional devemos ser? IN: Simpósio Brasil-Sul de Informação, Londrina, 27 a 30 de maio de 1996. *Anais...* Londrina: Editora UEL, 1996. p.253-272.

OLIVEIRA. José Teixeira de. *A fascinante história do livro*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1984.

OLIVEIRA, Marlene de. Origens e evolução da Ciência da Informação. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). *Ciência da informação e Biblioteconomia: novos*

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	

conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: UFMG, 2008. (Coleção Didática. 12).

RANGANATHAN, S. R. *As cinco leis da biblioteconomia*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2009.

ROCHA, Ruth; ROCHA, Otavio. *O livro da escrita*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. A biblioteca do futuro. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 62-68, mar./set., 1972.

SZKLARZ, Eduardo. Uruk: A primeira cidade. In: *Revista Super Interessante. História*, n. 266a, Jun. 2009. Disponível em: <http://super.abril.com.br/historia/uruk-a-primeira-cidade>. Acesso em 26 de julho de 2016.

VALENTIM, Marta. Lígia. Pomim. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. *Informação & Informação*, Londrina, v.0, n.0, p.2-6, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2000v5n9p16/5058>. Acesso em: 02/07/2016.

VALENTIM, Marta. Lígia. Pomim. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, ISSN 1518-2924, Florianópolis, Brasil, n.9, p.16-28, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2000v5n9p16/5058>>. Acesso em: 02 e julho de 2016.

Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo	Número XIV Jul-dez 2016	Trabalho 06 Páginas 98-113
http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura	periodicoscesg@gmail.com	